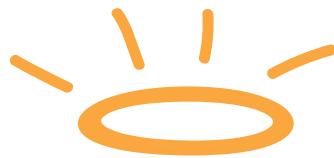


LUIS FERNANDO VERISSIMO



# O SANTINHO



Ilustrações  
LUISA MORITZ KON



Copyright do texto © 2017 by Luis Fernando Veríssimo  
Copyright das ilustrações © 2017 by Luisa Kon Moritz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Apresentação e notas

ANA MARIA MACHADO

Seleção original

MARIA DA GLÓRIA BORDINI

Projeto gráfico

JULIANA VIDIGAL

Revisão

NINA RIZZO

ANA LUIZA COUTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Veríssimo, Luis Fernando  
O Santinho / Luis Fernando Veríssimo; ilustrações  
de Luisa Mortiz Kon. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia  
das Letrinhas, 2017.

ISBN: 978-85-7406-813-8

1. Contos – Literatura infantojuvenil 2. Literatura  
infantojuvenil 1. Kon, Luisa Mortiz 11. Título.

17-08918

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

☎ (11) 3707-3500

✉ [www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)

[www.blogdaletrinhas.com.br](http://www.blogdaletrinhas.com.br)

✉ [/companhiadasletrinhas](http://facebook.com/companhiadasletrinhas)

✉ [@companhiadasletrinhas](http://twitter.com/companhiadasletrinhas)

# SUMÁRIO

*Apresentação*, 7

*Santinho*, 15

*Vitor e seu irmão*, 21

*O diamante*, 27

*Dois mais dois*, 33

*A descoberta*, 39

*Os preguiçosos*, 45

*Nomes*, 49

*Experiência*, 57

*A história, mais ou menos*, 61

*O “flete”*, 67

*O pleito*, 73

*Conversa*, 79

*Relógio digital*, 83

*A solução*, 89

*Minhas férias*, 95

*Sobre o autor*, 101

*Sobre a ilustradora*, 103

# LUIS FERNANDO VERISSIMO: Humor e ternura

*Ana Maria Machado*

Como é possível que uma coisa ao mesmo tempo nos emocione e faça rir?

É um mistério, e não é muito frequente que isso aconteça. Mas quando ocorre, é um momento precioso do espírito humano. Uma espécie de deslumbramento cultural. Eram assim os filmes de Charles Chaplin. No tempo do cinema mudo, ele criou o Carlitos, um vagabundo engraçadíssimo e comovedor, que vivia em situações de extrema penúria, mas não perdia o senso de humor nem a capacidade de criar beleza, a partir de elementos muito pobres — um sapato velho, uma corda que prendia a calça na cintura, um vira-lata, dois garfos espetados em pãezinhos... O espectador via aqueles filmes, sentia solidariedade e compaixão, ficava com um nó na garganta e de repente caía numa gargalhada irresistível, a partir de uma mescla de humor e ternura.

Chaplin nem precisava de palavras para despertar o riso e o carinho da plateia.

Humor e ternura... Pois é justamente com esses dois ingredientes que Luis Fernando Verissimo trabalha neste livro. Só que seu meio de expressão são justamente as palavras, e ele as emprega com sabedoria de mestre.

Todos os contos aqui reunidos fazem parte da edição e seleção original de Maria da Glória Bordini. São evocações da infância, sobretudo do ambiente escolar. Não se deixe enganar pelo título. O Santinho aqui não é de céu nem de altar, é quase um apelido gozador. Tem a ver com uma expressão popular brasileira, que fala em “santinho do pau oco”. Para explicar este termo, é preciso contar sua história. Na época colonial, quando o Brasil ainda estava sob o domínio de Portugal, houve um momento em que minas de ouro, diamantes e outras pedras preciosas tinham sido descobertas em Minas Gerais. Muita riqueza. Mas a Coroa portuguesa cobrava impostos altíssimos e controlava todo o transporte de mercadorias para não haver contrabando. A fim de enganar os fiscais, as pessoas tentavam todo tipo de esperteza. Uma delas era fazer

imagens ocas de madeira, representando santos e anjos. Dentro dessas esculturas, era possível esconder ouro e joias. É daí que vem a expressão “santinho do pau oco”, para se referir a um falso santo, alguém que pode parecer muito bonzinho e angelical, mas, no fundo, é uma peste.

Santinhos e brincalhões, alunos e professores, pais e filhos povoam as páginas destes contos que vão aos poucos se juntando e fazendo um panorama da escola de alguns anos atrás, quando o autor estudava. Uma época que ele recorda com evidente saudade, mas também com seu característico e inegável espírito crítico. Todo um universo recriado em pequenos detalhes, a partir do extraordinário sentido de observação que é um traço marcante do escritor.

São contos pequenos, às vezes próximos de crônicas narrativas, compondo um mosaico que até faz lembrar outra experiência interessante da Literatura Brasileira — a de Graciliano Ramos, um autor alagoano que em 1943 publicou *Vidas secas*, uma reunião de vários episódios passados no sertão nordestino, que ele chamou de contos, formando o que classificou como um “romance desmontável”. Quer dizer, cada história

vale por si mesma, mas todas juntas formam um panorama geral. Só que os contos de Luis Fernando Verissimo são bem curinhos e gostosos de ler, numa linguagem bem atual. Diferentes dos de Graciliano Ramos, mais longos, de outra região e de outro tempo. Do tempo do pai de Luis Fernando, o grande autor gaúcho Erico Verissimo. Vai ver que foi com ele que o filho aprendeu a escrever tão bem.

Mas ser filho de um grande escritor pode também ter suas desvantagens para quem pensa em seguir a mesma carreira. Todo mundo fica comparando. Então, se o garoto tem vontade de escrever, até fica sem graça e com medo de tentar. Como se tivesse a obrigação de não ficar para trás.

Talvez tenha sido por isso que Luis Fernando Verissimo queria ser músico e não escritor. Toca saxofone até hoje e tem até fama de tocar direitinho. Mas como sempre teve um talento danado para as palavras, acabou chegando uma hora em que não deu mais para fugir delas. Bem que ele tentou. Até se meteu a ser desenhista de história em quadrinhos, mas com uma esperteza: seus personagens eram cobras, que era para ele não precisar desenhar cara com orelha e nariz,

nem corpo com pernas, braços, mãos e uma porção de movimentos diferentes. Porque o negócio dele mesmo é escrever, como você vai comprovar neste livro.

Se você quiser fazer uma experiência, tente não se concentrar apenas na história que o Veríssimo está narrando em cada conto e procure ir mais fundo, prestando atenção na linguagem que ele usa. Por exemplo, em “A história, mais ou menos”, ele faz um conto de Natal diferente de tudo o que a gente já leu. Relata um episódio que todo mundo conhece: o nascimento de Jesus e a viagem dos reis magos. Mas a linguagem que usa é completamente diferente da que se lê na Bíblia — é cheia de gíria, como se fosse uma conversa, tem até umas palavras erradas, como a gente aprende que não deve escrever numa redação. Por quê? O que ele consegue com isso? A história fica ao mesmo tempo um pouco engraçada e muito mais próxima do leitor... É uma prova de como o autor consegue uma perfeita adequação entre o que ele está contando e a forma de contar, para nos tocar da maneira que quer.

Quer ver outro exemplo? O conto mais curto de todos se chama “Os preguiçosos”. Até mesmo o leitor com mais preguiça ou menos vontade de ler acaba a

leitura num instante. Mas tem que prestar atenção para entender. Porque, na verdade, é mesmo um retrato muito bem feito da preguiça, mas não tem nenhuma descrição, nenhuma conversa fiada cheia de palavras abstratas, é escrito numa linguagem econômica, de quem não desperdiça nada e não gasta nada além do que é indispensável. Como se a própria maneira de escrever estivesse mostrando que preguiçoso não faz qualquer esforço extra.

Já em “Minhas férias”, o autor escolhe outro caminho. Escreve exatamente como se fosse mesmo a redação escolar de um menino que não soubesse redigir direito e ficasse pondo as palavras no papel do jeito que elas vêm à cabeça, meio como quem fala. E é justamente esse truque da escrita que dá graça ao texto.

Enfim, em todos os contos o leitor pode se divertir. Em muitos deles, pode também se enternecer — com as lembranças do Veríssimo ou com suas observações sutis e tão humanas, como o ciúme que os pais sentem em “A descoberta”, ao perceberem que o pessinha do filho está crescendo e entrando num mundo novo e independente, onde eles não vão mais conseguir acompanhá-lo.

Por tudo isso, fica fácil compreender por que Luis Fernando Verissimo é um dos mais bem-sucedidos autores brasileiros contemporâneos, tão amado por seus leitores fiéis, sempre com alguns livros nas listas dos mais vendidos da semana. É possível que você já tenha lido outras coisas dele na escola. Talvez conheça seus quadrinhos em “As Cobras”, ou de vez em quando leia uma crônica dele num jornal. Pode ser que tenha visto na televisão algumas de suas histórias que foram adaptadas para *Comédias da vida privada*. Mas agora vai ter a oportunidade de conhecer um Verissimo um pouco diferente, especial para você, inteiramente à vontade numa conversa entre amigos de escola. Mesmo que uns sejam santinhos e outros sejam pestinhas.